

2.8. Tectos - Abóbadas

A abóbada foi um processo construtivo que se impôs para ser aplicado nos dois edifícios em estudo. Podemos constatar *in locu* uma variedade bastante significativa de abóbadas sobretudo no edifício conventual.

O material de construção utilizado na execução das abóbadas dos dois edifícios era o tijolo maciço cozido, ligado por argamassa de cal de assentamento. Posteriormente rebocava-se a abóbada com argamassa de cal e, finalmente, aplicava-se-lhe a técnica da caição.

No Convento de Nossa Sra. da Assunção:

Este edifício patenteia-nos não só a variedade de abóbadas construídas, mas também o seu acabamento final, em diversos compartimentos.

Nos compartimentos (6,7,8) podemos constatar que as nervuras foram pintadas com várias cores. Acharmos que tal intenção seria a de simular o uso da pedra na sua construção. No interior dos arcos ogivais, recobriu-se de novo a forma triangular, com várias cores, talvez com o intuito de simular pedra, ou apenas como aspecto decorativo.

- No compartimento (6) o fecho processa-se por quatro abóbadas de aresta nervurada



Fig. 4.100 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, abóbada do compartimento (6) (foto da autora)

- No compartimento (7) o fecho pratica-se por uma abóbada de "barrete de clérigo"; os arcos arrancam de mísulas de pedra mármore rebocadas e caiadas

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.101 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, abobada do compartimento (7) (foto da autora)

- No compartimento (8) o fecho faz-se por uma abóbada de que ignoramos a sua designação. Podemos, no entanto, observar que as nervuras definem uma composição geométrica de contornos muito nítidos; os arcos voltam a arrancar também de mísulas de pedra mármore rebocadas e caiadas.



Fig. 4.102 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, abobada do compartimento (8) (foto da autora)

- Nos compartimentos (9,10) podemos ainda observar as paredes e as abóbadas pintadas de cor amarela, resultante da mistura do pigmento natural – ocre e cal. Nestes dois compartimentos estão evidentes várias estelas concretizadas possivelmente com argamassa de cal e, posteriormente, foram pintadas com a tinta resultante da mistura especificada anteriormente.
- No compartimento (9) o fecho é feito por uma abóbada de aresta



Fig. 4.103 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, abobada do compartimento (9) (foto da autora)

- No compartimento (10) o fecho continua a processar-se por uma abóbada de aresta; os arcos arrancam de pilares bem evidenciados. Os pilares que se encontram no centro do compartimento contêm uma decoração que imita a forma parecida com uma escama de peixe, feita em reboco e posteriormente pintada de cor amarela.

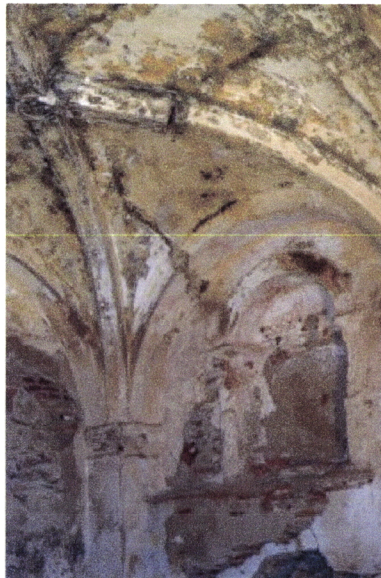


Fig. 4.104 – Moura, Castelo, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, abobada do compartimento (10) (foto da autora)

Na Igreja de Nossa Sra. da Assunção, as abóbadas de berço estão apenas presentes na sacristia e na capela tumular.

2.9. Coberturas

O Convento já não apresenta cobertura, mas algumas pessoas de certa idade lembram-se desta ter sido concretizada com telha de canudo (mourisca), material corrente na construção de coberturas de edifícios muito antigos no Alentejo, o que possivelmente também aconteceu na cobertura da Igreja de Sta. Maria do castelo

Como já foi referido, parte dessa cobertura desapareceu provavelmente, aquando do terramoto de 1755. O edifício ganhou nova cobertura em telhado de duas águas, concretizada também em telha de canudo, na década de 60, cobertura que cobre o coro alto e a nave única. O coro baixo é protegido por uma cobertura em terraço.



Fig. 4.105 Moura, Convento de Nossa. Sr.ª da Assunção do Castelo, sem cobertura há muito tempo (foto da autora)



4.106 – Moura, Igreja de Sta. Maria do Castelo – cobertura (foto da autora)

4.2.2.2.

Património Arquitectónico Militar – Torre de Menagem

a) Síntese histórica da Torre de Menagem

Antes de descrevermos as plantas e os alçados da Torre de Menagem torna-se necessário, em nosso entender, referir os dados históricos sobre a sua possível época da sua construção e as alterações que tenham sofrido ao longo da história.



Fig. 4.107 - Moura, Castelo, Torre de Menagem (BMM)

Como já referimos, no reinado de D. Dinis houve grande necessidade de se realizarem obras de consolidação na fortificação medieval.

Santiago Macias através da leitura do Livro 2 de Reis, fol. 37 v. do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, menciona o seguinte: «Com a reconquista, a margem esquerda do Guadiana foi envolvida num complicado processo de disputa entre os reinos de Portugal e Espanha, que a cedência dos Castelos de Moura e Serpa em 1295, por parte de D. Fernando de Castela, viria na aparência a encerrar.

Este acto não significou, porém a pacificação. Em 1320, a ordem de Avis doou a D. Dinis um terço das rendas das igrejas de Serpa e Moura para o «refazimento e mantimento dos alcáceres dos ditos castelos »⁴¹.

Este autor adianta também o seguinte: «Moura (e Serpa) parecem sentir de forma bem vincada a necessidade de protecção a quaisquer ameaças externas, o que faz com que em 1320, no reinado de D. Dinis, tenham inicio obras de grande importância nos respectivos castelos. (36 AN.T.T. livro 2 de Reis, fols. 36v-37v.). Esses trabalhos terão reforçado de forma sensível o anterior amuralhamento do período islâmico.

No castelo de Moura o único vestígio aparente desta campanha construtiva parece ser um pequeno troço de muralha em pedra, reforçada por uma estreita fiada de silhares (0.70 m. de largura), e que mede na totalidade 13,80 m»⁴².

Existem dúvidas relativamente ao período de construção da Torre de Menagem. Não se sabe concretamente devido à lacuna de bibliografia elucidativa, se esta foi construída no período de obras atrás definido.

Santiago Macias ocupa-se de outra questão que põe em dúvida qual terá sido o período histórico em que se construiu a Torre de Menagem, referindo que: «*Embora toda esta enorme estrutura – em particular a torre de menagem – tenha até agora sido classificada como obra de D. Dinis, parece mais consentânea a sua atribuição aos finais do século XV e em cuja conclusão terá participado Francisco de Arruda. Apontam nesse sentido o carácter tardio dos capitéis vegetalistas do interior da torre de menagem, bem como jambas e o lintel chanfrados das respectivas portas de acesso, tipologicamente idênticas às do Convento do castelo, construído em meados do século XVI:*

*Por outro lado ainda, não só não há quaisquer referências documentais à torre de menagem antes do século XVI como parecem datar deste período as obras do paço do alcaide (que aparece representado no desenho de Duarte Darmas) e cuja contemporaneidade em relação à muralha da alcáçova parece bastante provável»*⁴³.

O autor prosseguiu ainda: «*As grandes campanhas de obras nas muralhas do castelo teriam apenas lugar dois séculos mais tarde numa altura em que D. Manuel contrata diversos arquitectos para proceder a importantes alterações no perímetro fortificado.*

*Não se pode, no entanto excluir de forma liminar a hipótese de ter sido construído um muro separador entre a alcáçova e a restante vila intra-muros, no período dionisino. Essa muralha, a ter existido terá sido substituída pela construção manuelina de finais de Quatrocentos»*⁴⁴.

Cláudio Torres emite também a sua opinião que vai ao encontro da ideia do autor anteriormente citado : «*Em Moura destaca-se no interior do povoado, o castelo do tipo senhorial com a sua torre de menagem dos finais do século XV e a cortina almóada com uma torre quadrangular de taipa ainda visível (...)*»⁴⁵.

Sobre este assunto José Mattoso escreve: «*Em época islâmica o povoado de Moura na sua área intramuros em pouco ultrapassava os dois hectares, pertencendo certamente ao tipo de povoado fortificado sem alcáçova (actual torre de menagem e a muralha interior datam de inícios do século XVI)*»⁴⁶.

⁴¹ Santiago Macias, *As Muralhas Medievais – Os Muros da Alcáçova*, vol. III, 2ª série, e.d. Arquivo de Beja, Beja, 1986, p. 254.

⁴² Santiago Macias, *Moura na Baixa Idade Média*, Elementos para um Estudo Histórico e Arqueológico: A Evolução do Espaço Urbano (séculos XIII- XV) – A vila e a fortificação, em *Arqueologia*, nº2, Edições Afrontamento, Porto, 1993, p.132. E cita-se: «*El rei D. Dinis a amplificou depois, levantando o castelo e vestindo de cantaria toda a obra, que era de formigam (...)*» Luiz Cabral – História da Notável Vila de Moura, Câmara Municipal de Moura, Moura, 1991, p. 3.

⁴³ Santiago Macias, *ob.cit.*, (1993) p.143.

⁴⁴ *Idem*, p. 132.

⁴⁵ Cláudio Torres, *Povoamento Antigo no Baixo Alentejo – Alguns Problemas de Topografia Histórica – O Povoamento Fortificado no Baixo Alentejo*, em *Arqueologia Medieval*, nº 1, Edições Afrontamento, Porto, 1993, p. 196.

Considerando estas opiniões podemos colocar a hipótese de que esta torre ou foi construída no reinado de D. Dinis e posteriormente sofreu grandes obras de restauro, ou então foi totalmente construída em fim do século XV, dúvidas que se mantêm pela falta de documentação.

Partindo das características construtivas que a torre de Menagem apresenta, levantamos, no entanto, a hipótese de que esta deve manter possivelmente o carácter construtivo de raiz, hipótese em nosso entender, reforçada pela não observação *in situ* de intervenções de restauro significativas.

Santiago Macias refere ainda que esta torre foi poupada durante a Guerra de Sucessão contra os espanhóis de inícios do século XVIII ⁴⁷.

b) Situação e sitio (local de implantação)

A Torre de Menagem, como todas as torres medievais da mesma importância, situa-se no recinto amuralhado medieval, em local estratégico.

Esta torre e o resto da fortificação estão localizados numa posição estratégica, na transição entre uma zona com relevo mais acidentado a Norte, e outra a Sul, mais suave ⁴⁸.

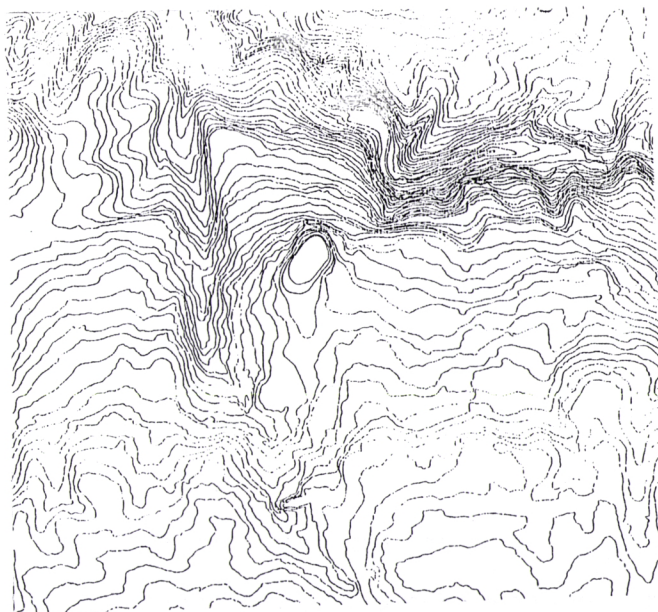


Fig. 4.108 - Planta de Moura – o relevo acusa a localização estratégica do Castelo: transição entre zona bastante "enérgica" a Norte e a suavidade da planície alentejana a Sul (José, Lamas, Plano de Pormenor/Zona de Reconversão do Castelo, Câmara Municipal de Moura, 1995, p.5.3)

⁴⁷ "A torre de menagem teve melhor sorte : « ficou sempre illeza a torre de homenagem que serve de trem para todos os instrumentos militares que tem a praça; e não chegou a ser minada pelos castelhanos em atençam as relligiozas que padeceriam neste golpe o único estrago por ficar o convento nas raize; da mesma torre. 21 Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Memórias Paroquiais, vol.25, 1759.» Santiago Macias, ob. cit, (1986) p. 263.

⁴⁸ «A cota de terreno no interior da fortificação ronda os 200 metros acima do nível do mar, sendo os declives em torno da fortaleza bastante acentuados entre Norte e Sueste, atingindo-se nessas zonas cotas inferiores a 100 metros. Nos terrenos a Sul do castelo e contíguos a este desenvolver-se-ia o povoado medieval pós-reconquista.» Transcrição de S. Macias, ob. cit, (1993), p. 127.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.109 - Planta de Moura – Cartograma com a identificação das curvas de nível actuais (José, Lamas, Plano de Pormenor/ Zona de Reconversão do Castelo, Câmara Municipal de Moura, 1995, p.5.4)

Relativamente a este assunto José O. Caeiro e Jorge Pinho Monteiro referem o seguinte: «O Castelo encontra-se dentro da própria vila de Moura, ocupando o seu ponto mais elevado (cota 213, no marco geodésico da torre de menagem) na parte Norte da povoação. (...) As coordenadas geodésicas, referentes à torre de menagem são as seguintes: 38° 08' 29'' de latitude Norte; 07° 27' 00'' de longitude Oeste de Greenwich (Carta Militar de Portugal na escala 1/ 25000, folha nº 501 – Moura, Serviço Cartográfico do Exército, 1966)»⁴⁹.

c) Leitura e descrição arquitectónica – Plantas e Alçados

Descrição da planta

A Torre de Menagem com planta aproximadamente quadrangular, é constituída por uma sala de planta octogonal com abóbada ogival, cujos arcos assentam em oito colunas, sendo estas detentoras de capitéis com ornatos vegetalistas (gótico tardio), por um espaço onde está implantada uma escada de caracol que dá acesso ao terraço superior e ainda um corredor que a atravessa, dando acesso à sala anteriormente mencionada e aos dois adarves, pertencentes aos dois panos de muralha que ladeiam a torre.

⁴⁸ «A cota de terreno no interior da fortificação ronda os 200 metros acima do nível do mar, sendo os declives em torno da fortaleza bastante acentuados entre Norte e Sueste, atingindo-se nessas zonas cotas inferiores a 100 metros. Nos terrenos a Sul do castelo e contíguos a este desenvolver-se-ia o povoado medieval pós-reconquista.» Transcrição de S. Macias, *ob. cit.*, (1993), p. 127.

⁴⁹ José Caeiro; O. Monteiro; Jorge Pinho, *Estudo Arqueológico do Castelo de Moura- Notícia Preliminar*, e.d. Biblioteca Municipal de Moura, Moura, s.d. , p. 1.

Ao percorrermos estes dois adarves temos acesso às torres existentes de um e de outro lado da Torre de Menagem.



Fig. 4.110 – Moura, Castelo, Planta integração da Torre de Menagem no espaço (C.M.M.).



Fig. 4.111 – Moura, Castelo, Torre de Menagem, tecto abobadado (foto da autora)

Descrição dos Alçados

«A torre de menagem do Castelo de Moura (em cima) situa-se sobre o muro da cerca. É uma solução peculiar da época gótica, quando a defesa do castelo, tornando-se mais activa, se centraliza sobre o perímetro da cortina»⁵⁰.

O edifício é constituído por quatro robustas paredes com poucas aberturas, limitando-se a ser detentor de simples frestas e duas portas de acesso. O seu coroamento é feito com ameias.

Alçado Nascente

Este alçado, coroado por ameias, apresenta uma única abertura destinada a iluminar, por uma estreita fresta, o espaço interior da sala nobre de planta octogonal.

Alçado Sul

Este alçado é caracteriza-se pela sua porta constituída por lintel e jambas chanfradas, dando acesso ao corredor que atravessa a torre, e à sala nobre. Tem uma abertura apenas traduzida por uma estreita fresta que de igual modo ilumina a sala supracitada. O coroamento deste flanco do mesmo modo se concretiza por ameias.

Alçado Norte

Este alçado é composto por outra porta de acesso com as mesmas características construtivas da anterior : uma janela detentora de uma estreita fresta e coroamento por meiamento.

Alçado Poente

O alçado é composto por uma simples abertura, isto é, uma fresta estreita que ilumina o corredor atrás referido, encontra-se, exemplo dos de mais, coroado por ameias.



Fig. 4.112 - Moura, Castelo, Torre de Menagem, alçado nascente Norte (foto da autora)

Fig. 4.113 - *Idem*, alçado Sul e Poente (foto da autora)

⁵⁰ Carlos Almeida, *História da Arte em Portugal, A Arquitectura Civil*, vol.3, Publicações Alfa, Lisboa, 1993, p. 140.

d) Levantamento de Materiais e Processos Construtivos

Como referem José O. Caeiro e Jorge Pinho Monteiro o Castelo de Moura «(...) *está instalado numa elevação de calcários lacustres miocénicos, alongada no sentido NE-SW, com limites definidos sensivelmente pela curva de nível de 200 metros*»⁵¹.

Pela observação *in loco* da Torre de Menagem, esta de total construção em pedra, na qual abundam calcários, mármore e alguns xistos.

Os processos construtivos nelas utilizados na torre em estudo são:

Fundações

Se a actual torre estiver construída sobre outra estrutura inferior, houve, possivelmente um aproveitamento da estrutura já edificada tendo esta sido reforçada, de modo a que constituísse, à época, uma fundação robusta, intensificada talvez, com alvenaria de pedra irregular, unida por argamassa (técnica usada na construção de fundações no Período Medieval).

Colocamos outra hipótese: a Torre de Menagem poderá ter sido construída em terreno limpo e, possivelmente, com recurso ao processo já especificado.

Paredes exteriores

Na sua construção utilizaram-se dois tipos de processos de levantamento de paramentos em pedra: alvenaria de pedra irregular e alvenaria de pedra regular intercaladas.

As paredes estão concretizadas em alvenaria de pedra irregular (calcários, mármore e xistos). As pedras empregadas nesta alvenaria têm dimensões aproximadas e foram possivelmente unidas por argamassa à base de cal. Esta alvenaria de pedra irregular apresenta um revestimento curioso de protecção, designado por “camada de sacrificio”, constituído pelos seguintes elementos: reboco, barramento branco e pintura ocre. Este revestimento, de muito interesse, será estudado em pormenor na alínea referente ao levantamento e estudo dos revestimentos da Torre de Menagem.

São além disso detentoras de uma alvenaria de pedra regular, de blocos de mármore talhados, de dimensões equivalentes e supostamente unidos com o mesmo tipo de argamassa à base da cal, acima especificada.

⁵¹ José Caeiro; O. Monteiro, Jorge Pinho, *Estudo Arqueológico do Castelo de Moura-Notícia Preliminar*, e.d. Biblioteca Municipal de Moura, Moura, s.d., p.1.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.114 - Moura, Castelo, Torre de Menagem, parede exterior (foto da autora)

As paredes estão coroadas por ameias concretizadas com o mesmo tipo de pedra.



Fig. 4.115 - Moura, Castelo, ameias da Torre de Menagem (foto da autora)

Paredes interiores

As paredes interiores estão de igual modo concretizadas em alvenaria regular de mármore e possivelmente unidas com argamassa à base de cal.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.116 - Moura, Castelo, Torre de Menagem, parede interior (foto da autora)

Cunhais

Concretizados em alvenaria de pedra regular (mármore) unidos também por argamassa.

Escada

Executada em alvenaria regular de mármore.



Fig. 4.117 - Moura, Castelo, Torre de Menagem, escada em caracol (foto da autora)

Pavimento

O pavimento é constituído por placas de xisto.

4.2.2.3. Património Arquitectónico Habitacional - Casa “Medieval”

a) A importância do estudo tipológico habitacional do espaço Intra-Muros

Achamos fundamental inserir no nosso trabalho, o estudo tipológico do edificado que existiu no espaço Intra-Muros, como contributo essencial para se compreender a importância da preservação dos vestígios arquitectónicos que ainda restam da última casa habitacional. Pelas características arquitectónicas de que o edificado era e ainda é detentor, podemos dar-nos conta de semelhanças com o edificado não só do Bairro da Mouraria como da arquitectura tradicional alentejana ⁵².

Para além das equivalências supracitadas, o edificado do espaço Intra-Muros representa, sobretudo, a vivência cristã. Entendemos ser premente desenvolverem-se medidas drásticas orientadas no sentido de o acautelar e pôr ao abrigo de todo e qualquer atentado, visto tratar-se de um contributo precioso para o entendimento de como determinadas tipologias permaneceram em parte intactas, com uma presença permanente, tanto nos dois casos de estudo deste trabalho, como de um modo geral no Alentejo, nas casas de povoado e nos montes.

Temos, no entanto, noção de que é difícil concretizar um estudo pormenorizado da tipologia arquitectónica referente ao espaço Intra-Muros do Castelo pelos poucos dados relevantes que possuímos relativos à definição correcta da tipologia arquitectónica habitacional deste espaço. Apesar de tudo, aproveitámos todas as evidências de que dispomos para demonstrarmos como é da nossa obrigação preservarem-se os vestígios que restam da casa mais antiga desse espaço, designada no Plano de Pormenor do Castelo por casa “medieval”.



Fig. 4.118 – Castelo de Moura, único edifício habitacional do espaço intra-muros do castelo designada por “casa medieval” (foto da autora)

⁵² Assunto mencionado anteriormente no capítulo 3. alínea 3.3. “identidade” Quais os valores na identidade de um lugar histórico que justifica a conservação?

Para além desta dificuldade inerente à existência de pouca informação, temos também a noção de que não é fácil fazer um estudo sobre um determinado edificado utilizado sucessivamente por inúmeras gerações, que no entanto, sentiram, por vezes, a necessidade de conservar a imagem das suas casas, como uma tradição familiar. É através desta postura que se conseguem salvaguardar traças arquitectónicas oriundas, talvez, de há quatro séculos atrás.

Nesta realidade podemos inserir sem muitas dúvidas a arquitectura alentejana, como um exemplo de arquitectura que talvez tenha origens muito longínquas por apresentar características tipológicas e construtivas praticamente equivalentes à arquitectura considerada pertencente ao Período Medieval, não se perdendo nunca de vista, claro está, que uma determinada casa pode sofrer certas modificações consoante as necessidades e a vontade de quem a habita ⁵³.

Não há dúvida que o conhecimento da habitação é imprescindível para a compreensão do *modus vivendi* das gerações que fruíram de um certo espaço.

Achámos pertinente fazer, em primeiro lugar, o estudo das possíveis tipologias arquitectónicas do espaço equivalente à medina, por dispormos de informação mais precisa, ainda que insuficiente, para um estudo exaustivo correcto. Relativamente ao espaço da alcáçova, a abordagem a que iremos proceder no que respeita à tipologia arquitectónica, só se pode basear em dados arqueológicos e desenhos antigos que apenas nos podem elucidar acerca da dimensão do edificado, sem nos ser possível efectuar um estudo concreto da tipologia existente neste espaço.

A análise do edificado do espaço equivalente à medina baseia-se na observação de fotografias antigas de casas que existiam nos anos 30 e 40, e da observação daquilo que resta da construção mais antiga do espaço e de plantas da mesma, da década de 90.

Achámos pertinente estabelecer critérios para elaborar um estudo mais completo visando a definição tipológica arquitectónica do edificado que existia outrora e que ainda hoje existe no espaço Intra-Muros do Castelo, a fim de podermos estabelecer equivalências com o edificado do Bairro da Mouraria, provando como estes dois bairros remontaram, possivelmente, ao mesmo período histórico e como as suas arquitecturas habitacionais, têm semelhanças com a arquitectura tradicional alentejana, como posteriormente iremos fundamentar com a amostragem de fotografias.

⁵³ «(...) casa não é estática como todos os elementos culturais, ela é sujeita à evolução e transformação, seja pela acção de novos factores exteriores, influências e difusões, seja-o mesmo pela acção de uma dinâmica externa de reflexos de mutações gerais, invenções pessoais ou do grupo, etc. Mesmo nestas formas tradicionais, ela constitui o produto de uma evolução lenta a partir de certas formas primordiais remotas, de que aliás perduraram muitos elementos. De facto, ao longo dos tempos foram surgindo modificações de maior ou menor vulto, que se enxertaram nas formas primitivas e que reduzem uma melhoria ou economia de construção, o seu melhor ajustamento às circunstâncias, a progressiva ascensão social e técnica, geral e individual, a evolução da sociedade e também a satisfação de sentimentos estéticos (...).» Transcrição de E. de Oliveira; F. Galhano, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1994.

Propomos os seguintes critérios:

- 1º critério - Tipologia arquitectónica – definição da imagem exterior do edifício: casa térrea (rés-do-chão) ou casa de: dois pisos (sobradada), com cobertura de uma ou de duas águas, com ou sem chaminé, com uma ou mais aberturas, etc).

Este ponto é estudado através da observação e da análise de fotografias antigas de várias casas de habitação então existentes, e assim como de fotografias antigas e actuais (espaço de tempo - três anos) das ruínas da única casa do espaço, designada por “medieval”.

- 2º critério - Tipologia arquitectónica – definição do número de pisos e divisões que constituem o edifício e sua articulação (casa com um ou dois pisos, uma ou mais divisões).

Neste ponto apenas podemos avançar hipóteses fundamentadas em estudos de especialistas na área, estudos esses realizados sobre casas habitacionais construídas no mesmo período (Medieval) e obviamente, naquilo que se pode observar na planta traçada na década de 90, da parte da casa “medieval” ainda existente.

- 3º critério - Tipologia arquitectónica - Relação espacial entre o edifício (fachada principal) e a rua – tipologia paralela ou perpendicular à rua.

Após a definição dos critérios por que optámos passamos a apresentar a análise arquitectónica do edificado do espaço equivalente à medina do Castelo:

- 1º critério - Tipologia arquitectónica – definição da imagem exterior do edifício.

1.º Tipo - casa baixa de um só piso (presente nas fotografias antigas e na construção existente ainda no espaço – casa “medieval”)

Este tipo de casas apresentavam :

- rés-do-chão;
- telhado de duas águas com beirado saliente em telha de canudo (mourisca);
- apenas uma abertura na fachada, sendo a porta feita de madeira com um postigo ou dois, única abertura que iluminava o espaço.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.119 – Moura, Bairro do Castelo, casa térrea com uma abertura (BMM)

- relativamente às chaminés:
- casas com chaminé designada de “ressalto”, por se encontrar saliente em relação à fachada principal onde está encaixada. É também designada de “escuta” (termo relacionado com a questão dos seus proprietários poderem escutar as conversas dos vizinhos e as investidas dos povos inimigos, visto este tipo de chaminés apresentarem grandes dimensões).



Fig. 4.120 – Moura, Bairro do Castelo, casa com chaminé de ressalto (BMM)

- casas com chaminé de secção rectangular de grandes e pequenas dimensões localizadas sobre o telhado.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

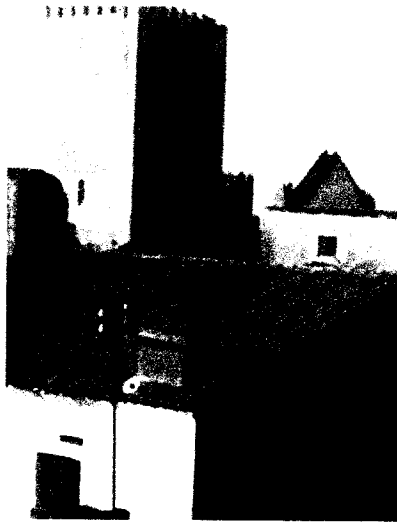


Fig. 4.121 - Moura, Bairro do Castelo, casa com chaminé de secção rectangular (BMM)

- casas com chaminé de secção quadrangular de pequena dimensão localizadas sobre o telhado.



Fig. 4.122 – Moura, Bairro do Castelo, casa com chaminé de secção quadrangular (BMM)

2.º Tipo - casa sobradada (dois pisos)

Este tipo de casas poderiam apresentar:

- dois pisos; o 2º piso poderia ser constituído por um sobrado que ocupava toda a superfície ou só parte desta. A segunda hipótese é a mais provável, pelo que nos foi possível observar nas fotografias antigas.

- Estas casas poderiam ter as mesmas características exteriores da casa térrea já referida.

2º critério - Tipologia arquitectónica – definição do número de pisos e divisões que constituem o edifício, e sua articulação.

Não temos indicações do número de pisos das casas do espaço Intra-Muros (medina) assim como do número de divisões e sua articulação.

Pelas muitas dúvidas que tivemos a este respeito e por acharmos essencial completar este estudo tipológico resolvemos colocar várias hipóteses, fundamentadas nas conclusões de especialistas no estudo elaborado da casa medieval portuguesa principalmente do Sul do país, possivelmente adaptadas à realidade habitacional que outrora existia no espaço Intra-Muros (medina)

Alves Sílvio Conde a quem devemos um estudo sobre a casa medieval portuguesa, através da análise da habitação comum de vários núcleos urbanos medievais, refere o seguinte: «(...) *algumas notas avulsas, em torno da habitação comum dos núcleos urbanos medievais portugueses, resultantes da investigação, centrada na vila de Tomar, e do cotejo da realidade por mim entrevistada como de outras cidades e vilas do Centro e Sul do país, Lisboa, Évora, Santarém, Torres Vedras, Óbidos, Leiria, Torres Novas, Abrantes, Alenquer, Sesimbra, Palmela, Setúbal, Alcácer do Sal, Castelo de Vide e Moura*»⁵⁴.

Segundo este autor, na casa medieval predominavam três tipos fundamentais, todos caracterizados pela simplicidade formal que passamos a apresentar:

- 1.º Tipo - casa de um piso com uma única divisão.
- 2.º Tipo - casa de piso único constituído por duas divisões: a «casa dianteira» e a «casa de dentro», ou «câmara» (também designada por «casa de trás» ou «câmara de dentro»).
- 3.º Tipo - resultava da duplicação vertical do primeiro exemplo: a casa de dois pisos constituída apenas por duas divisões: a casa «térrea», ou «loja» e um «sobrado»⁵⁵.

Para o autor o alteamento era a solução mais adequada, quando a falta de espaço impedia a ampliação na horizontal.

Também Maria Ângela Beirante elaborou um estudo sobre a casa medieval alentejana, no qual definiu três tipos de casa habitacional:

- 1.º Tipo - mais ou menos uniforme ou simples, formado por dois compartimentos térreos, por vezes complementados por outros anexos.

⁵⁴ Manuel Alves Conde, *Tomar Medieval, O Espaço e os Homens (séculos XIV-XV)*, Dissertação de Mestrado em História Medieval, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1988, p. 65.

⁵⁵ Sobre o assunto, veja-se: Manuel Alves Conde, *Sobre a Casa Urbana do Centro e Sul de Portugal, nos Fins da Idade Média*, em *Arqueologia* nº5, Edições Afrontamento, Porto, 1997, pp. 245-246.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

Na opinião da autora este tipo binário, de casa térrea com duas divisões é o que, nos séculos XIV-XV, nos surge como tipo de habitação popular mais generalizado em toda a cidade. Os seus elementos essenciais eram a casa *dianteira* e o *celeiro* ou casa de dentro ⁵⁶.

- 2.º Tipo - construção que cresceu em altura, mantendo, todavia, a sua estrutura inicial do primeiro tipo. «É a casa sobradada do tipo burguês em que é visível uma maior especialização de funções. Sobre o celeiro ou casa dianteira ou em casos menos frequentes, sobradam os dois compartimentos (...)» ⁵⁷.

Apesar de existir pouca documentação refere ainda «(...) a casa sobradada devia receber a luz e o ar através de um balcão, de uma janela ou de frestas no sobrado. As casas desta classe raramente dispõem de quintal, mas as medidas dos compartimentos inferiores equivalem às da área coberta das casas do primeiro tipo. Especialização habitacional e crescimento em altura são, pois, as características principais deste segundo grupo» ⁵⁸.

- 3º critério - Tipologia arquitectónica - Relação espacial entre o edifício (fachada principal) e a rua
- 1º tipo – edifício que se desenvolve paralelamente à rua

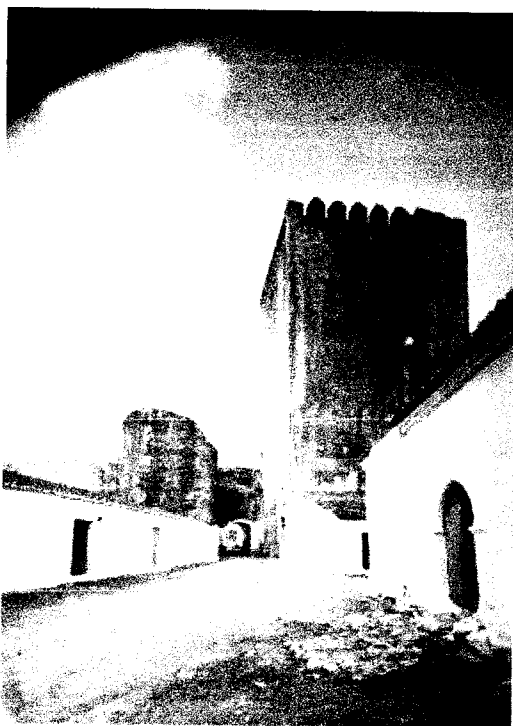


Fig. 4.123 – Moura, Bairro do Castelo, tipologia arquitectónica paralela à rua (BMM)

- 2º tipo – edifício que se desenvolve perpendicularmente à rua.

⁵⁶ M. Ângela Beirante, Évora na Baixa Idade Média, Dissertação de Doutoramento, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1988, p.123.

⁵⁷ *Idem*, p.124.

⁵⁸ *Idem*, p.124.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.124 – Moura, Bairro do Castelo, tipologia arquitectónica perpendicular à rua (BMM)

Perante a análise efectuada e os dados disponíveis achamos que predominava a casa térrea de um só piso, podendo ainda existir algumas casas de dois pisos (sobradada) no espaço Intra-Muros do Castelo.

Outra questão que permite realçar o aspecto da tipologia de casas sobradadas reside no facto desta estar mencionada nas descrições das casas dos arrabaldes, e das casas pertencentes à alcáçova do espaço Intra-Muros⁵⁹.

Com base em dados retirados:

- de documentação manuscrita do Período Medieval;
- da análise de fotografias do núcleo (décadas de 30 e de 40);
- da observação da planta da casa mais antiga do espaço e de observação *in loco* das ruínas que ainda restam da sua construção;
- de informações recolhidas em estudos elaborados por especialistas, sobre a casa medieval do Sul de Portugal;

podemos concluir, em grande margem de erro que as tipologias aí dominantes seriam as seguintes:

- a casa térrea de duas ou mais divisões
- e possivelmente a casa sobradada

Curiosamente, estas duas tipologias estão ainda presentes de um modo muito significativo, no Bairro da Mouraria e sobretudo na realidade construtiva tradicional alentejana, onde se destaca a tipologia da casa térrea tanto

⁵⁹ Relativamente a uma das casas dos arrabaldes, cita-se: «*huua cassa grande dianteira que tem dezoto couados em comprido he homze em llarguo com sua chimini e duas terras e mais os sootaãos das camaras sobradada a huua estrebarya de vimte e huum couados de llomgio e com hua laramjeira e huum limoeiro.*» citado por Santiago Macias, ob. cit., (1993) p. 138.

CONTRIBUTO PARA A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO URBANO DE MOURA

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

nas casas de povoado, como nos montes alentejanos e da casa sobradada nas casas de povoado de aldeias, vilas e cidades ⁶⁰.



Fig. 4.125 – Moura, Bairro do Castelo, casas já desaparecidas (BMM)

Fig. 4.126, Fig. 4.127 e Fig. 4.128 - casas do Bairro da Mouraria de Moura, de Monsaraz e do Alvito (fotos da autora)

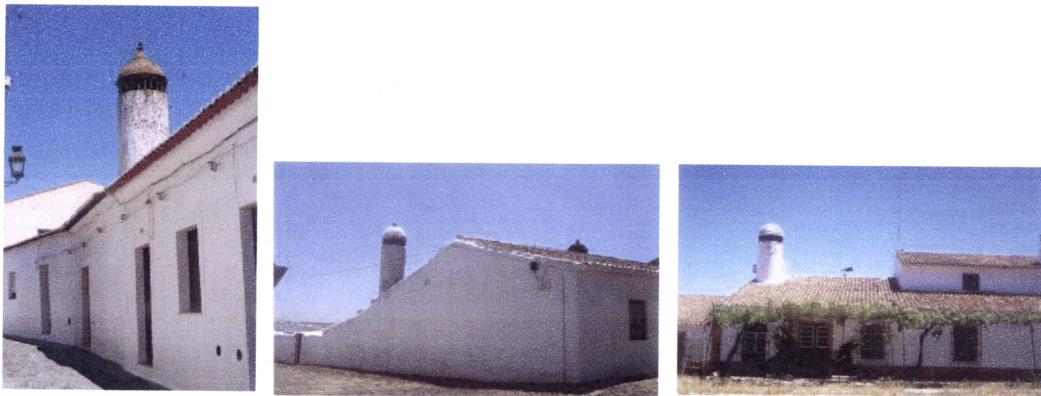


Fig. 4.129, Fig. 4.130 e Fig. 4.131 - casas do Bairro da Mouraria de Moura, do Baleizão (fotos da autora) e de monte alentejano (CMM)



Fig. 4.132 – Moura, Bairro do Castelo, casa já desaparecida (BMM)

Fig. 4.133 e Fig. 4.134 - Casas do Bairro da Mouraria e de Monsaraz (fotos da autora)

⁶⁰ Assunto referido no 3º capítulo – 3.3. "Identidade" – Quais os valores na identidade de um lugar histórico que justificam a conservação?

Passamos então a referir a análise da possível tipologia arquitectónica que existia no espaço da alcáçova apoiando-nos em documentação antiga e nos resultados das escavações arqueológicas executadas nas décadas de 80 e 90.

Podemos ler na obra de Santiago Macias intitulada Escavações que *«Do ponto de vista arqueológico é possível, de forma sintética, fazer a seguinte descrição: na fase 1 - são hoje identificáveis, na área escavada por Pinho Monteiro, alguns dos muros que terão provavelmente pertencido às «casas sobradadas» a que alude a planta de Duarte D'Armas, desenhada no início do século XVI»*⁶¹.

Consta da legenda do desenho do século XVI da autoria de Duarte D'Armas a indicação de que as casas eram sobradadas: *«Este Apousentamentos sam sobradados»* e *«Estas casas sam sobradadas»*⁶².

Relativamente à planta anteriormente mencionada, apraz-nos citar A. H. de Oliveira visto este comentar no seu livro "A Sociedade Medieval - A casa", a informação de Duarte D'Armas sobre o espaço da alcáçova do castelo de Moura, na primeira década do século XVI, onde destacando um número avultado de casas sobradadas no espaço supracitado, situação pouco usual nos castelos medievais portugueses.

*«O Livro das Fortalezas de Duarte D'Armas, que data da primeira década do século XVI, permite avaliar da frequência e tamanho das habitações destinadas aos alcaides nos castelos portugueses. Muitas delas não passavam de uma única sala onde o governador comia, vivia e dormia, e que certamente tinha as características da «casa» do camponês romano. Outras, mais bem arranjadas, dispunham de dois, três ou quatro «apousentamentos sobradados». Só por excepção se encontravam moradias com mais desse número : os castelos de Mourão, Sabugal, Vilar Maior e Mogadouro dispunham de cinco; Mértola, Serpa, Noudar, Terena e Olivença, de seis; Elvas, de oito, e Moura, o melhor de todos, exhibia o luxo de dezanove casas sobradadas! Para recreio e utilidade também, alguns castelos continham quintais, hortas e pomares. Moura superior em tudo, até ostentava um laranja!»*⁶³.

Pode-se então afirmar que, possivelmente a tipologia que predominava no espaço da alcáçova era a da casa sobradada, hipótese fundamentada nos poucos dados adquiridos supramencionados.

Em virtude, das escassas informações que possuímos achámos conveniente referir ainda a breve descrição efectuada por Victor Manuel dos Santos Pavão de uma casa do alcaide-mor de Mértola, oferecendo-nos, indicações semelhantes à morfologia da casa (casa sobradada) que possivelmente existia na alcáçova do espaço Intra-Muros do Castelo de Moura.

⁶¹ S. Macias, Escavações arqueológicas no castelo de Moura, em *Arqueologia En El Entorno Del Bajo Guadiana*, Universidade de Huelva, Huelva, pp. 678-679.

⁶² A. H. de Oliveira Marques, *A Sociedade Medieval Portuguesa - Aspectos da Vida Quotidiana - A casa*, 5ª ed., Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1987, p. 72.

⁶³ *Idem*, p. 72.

«É dentro do apertado conjunto do castelo que se elevam as casas do alcaide-mor e a capela, além das acomodações da guarnição. O alcaide-mor indicado quer por Duarte Darmas quer pela «visitação» de D. Jorge de Lencaster é Francisco de Gois, «fidalgo da casa del Rei». Fora ele quem, por ordem de D. João II mandara de novo fazer as casa onde habitava, para o que contara com o subsidio real de cinquenta mil reis e dois giros (geiros) de serventia do termo da vila.

Efectivamente, Garcia de Resende refere, na crónica de D. João II, que este rei «em todas as fortalezas mandou de novo fazer aosemtamentos e casa para isso ordenadas» (7 Garcia de Resende, *Chronica de El Rei D. João II*, ed., Lisboa, 1902, t. I, p.154)»⁶⁴.

«A planta mostra-nos, dentro do pátio interior da fortificação, um conjunto de cinco divisões sobradadas que constituem a habitação do alcaide. Tendo em conta que em muitas plantas apenas uma grande divisão é destinada a tal fim, o alcaide-mor de Mértola pode considerar-se razoavelmente bem instalado (...).

A casa compõe-se de um andar sobradado, destinado à habitação que, por baixo, tem lojas servindo como dependências secundárias. A um dos lados, ergue-se um segundo andar. O sobrado comunica com o pátio por meio de uma escada de tijolo, que dá acesso à sala, dependência principal (...)»⁶⁵.

«A sala do alcaide-mor de Mértola, de paredes de pedra e cal, é, logicamente, a divisão de maiores dimensões. A cobertura faz-se por telha vã sem forro no tecto, ficando a descoberto as ripas em que assentam as telhas. Este tipo de cobertura, que era frequente, dá maior amplidão à casa, mas torna-a pouco confortável. Provendo o aquecimento, uma chaminé serve o compartimento. A ventilação e a iluminação faz-se, não só pela porta, como por duas janelas, certamente e ainda não providas de vidros, cujo o uso só bastante mais tarde se generaliza à habitação civil (...)»⁶⁶.

«Exteriormente, as paredes da casa do alcaide são rebocadas e caiadas. Vários telhados cobrem os diferentes volumes em que a casa se organiza(...).

Estes telhados são «todos cimtados de caall». Sabe-se que as coberturas de telha de canudo é costume proveerem-se de «cintas», ou seja, de tábuas corridas que se pregam transversalmente sobre as varas do madeiramento, a toda a extensão da água do telhado, separando as ripas em grupos equidistantes. seriam estas cintas, servindo de consolidação do madeiramento, estariam caiadas, para tornar o material mais resistente (13 Orlando Ribeiro tratou este assunto em «a civilização do barro no sul de Portugal» in « Geografia e Civilização», Lisboa, 1961, P.47-78). Para escoamento das águas da chuva, os telhados estavam providos de algerozes, que seriam certamente formados por telhas.

⁶⁴ Victor Pavão dos Santos, As «Casas» do Alcaide-Mor de Mértola no início do século XVI, Separata da revista Bracara Augusta, Tomo XXXI – Fasc. 71-72/ 83-84, Braga, 1977, p. 5.

⁶⁵ *Idem.* p. 6.

⁶⁶ *Idem.* p. 7.

O escoamento do fumo fazia-se na sala, por uma larga chaminé rectangular, que se erguia do lado do campo. A chaminé rectangular é típica da zona alentejana (...)»⁶⁷.

Através dos dados descritos na visitaçãõ, citada por este autor, podemos ter conhecimento de outra realidade habitacional, «*Como termo de comparaçãõ para a espaçosa do alcaide-mor, tem interesse atentar numa casa referida na mesma visitaçãõ, a qual se encontrava aforada a um tal Martim Freire.*

É uma simples casa térrea, com apenas duas divisões, dispendo de alicerces de pedra e barro, embora as paredes sejam de taipa, coberta de telha vã. As duas divisões, de dimensões quase iguais, são nomeadas: casa dianteira (4,4x3,3m) a que se abria para a rua e onde se situaria a cozinha, e câmara (4,75x 3,3 m), a mais recolhida e onde os moradores dormiriam.

Era este, por certo o tipo de habitaçãõ de que disporia a grande maioria dos oitocentos vizinhos residentes em Mértola e no seu termo, nesse ano de 1515, e cujo aspecto exterior Duarte D`Armas nos mostra nos seus desenho»⁶⁸.

Perante a análise efectuada das casas dos dois espaçõs que constituem o recinto amuralhado de Moura, podemos afirmar que estas se integram notoriamente nas descrições das casas existentes no espaçõ da alcáçõva de Mértola.

b) Situaçãõ e sítio (local de implantaçãõ)

Passamos entãõ a descrever, em pormenor, o que resta da construçãõ da última casa mais antiga do espaçõ amuralhado (medina), designada por "medieval".

Iremos descrever, por completo, as características da casa, socorrendo-nos de fotografias antigas, da planta do espaçõ Intra-Muros elaborada nos anos 60, e de desenhos do edifício concretizados nos anos 90, pois actualmente dele apenas resta a fachada como tema de estudo. De qualquer modo, é essencial que esta seja objecto do nosso estudo, pelas razões já anteriormente especificadas.

A referida casa situa-se no espaçõ Intra-Muros da cidade de Moura, equivalente à antiga medina. Escolheu-se como local de implantaçãõ da sua construçãõ um terreno inserido na cerca do Convento de Nossa Sra. da Assunçãõ perto da Torre de Menagem. Esta casa tinha a sua frente virada para a Calçada do Castelo, rua principal do espaçõ.

⁶⁷ *Idem*. p. 8.

⁶⁸ *Idem*, p. 10.

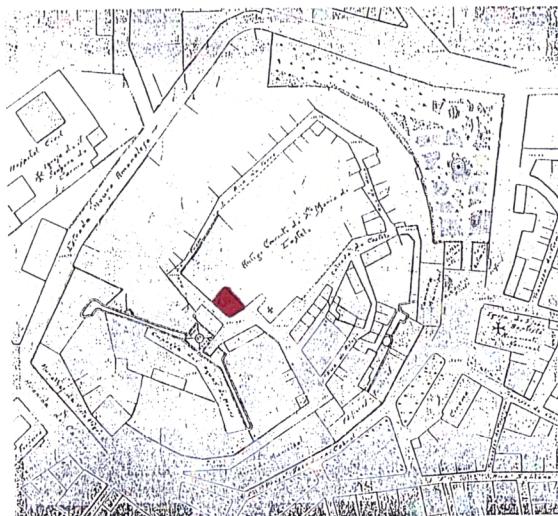


Fig. 4.135 - Moura, Castelo, planta de 1927 actualizada em 1930, localização da casa "medieval" no espaço Intra-Muros do Castelo (CMM)

c) Leitura e descrição arquitectónica – planta e alçados

Pela observação de fotografias antigas da casa, esta seria possivelmente de um só piso.

Descrição da planta

Por informações adquiridas por pessoas que viveram no espaço Intra-Muros, fomos elucidados de que no passado esta casa era composta, por quatro divisões. Na planta actual (década de 90) apenas podemos constatar a presença de duas : uma divisão completa e vestígios de outra adossada à primeira. Esta última apresenta numa das paredes exteriores, correspondente ao alçado poente uma porta de pequenas dimensões de acesso ao exterior; a parede correspondente ao alçado sul beneficia de uma grande lareira, com poiais de apoio em ambos os lados, características confirmativas de que esta divisão seria a cozinha, espaço muito importante da casa.

Um pormenor distingue-a, no entanto, do que é mais comum nas casas antigas no Alentejo : o facto da porta principal não dar directamente para o espaço que equivalia à cozinha. Poderá, todavia, ter acontecido que a planta de origem tenha sofrido alterações.

Relativamente à outra divisão evidente na planta, apenas recolhemos a indicação da localização da porta exterior de grandes dimensões, situação também pouco usual neste tipo de casa.

Apesar de actualmente não apresentar cobertura, observando as fotografias antigas que consultámos, inferimos que a casa "medieval" dispunha de uma cobertura de duas águas..

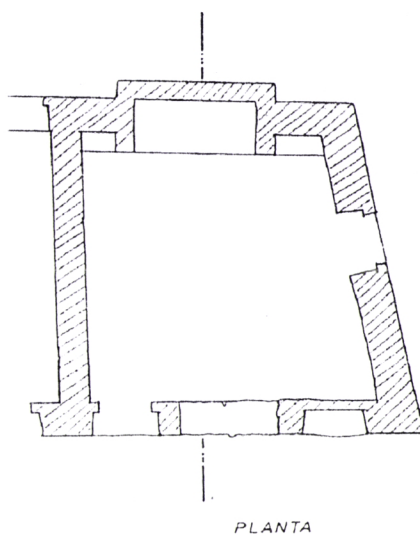


Fig. 4.136 – Moura, Castelo, levantamento de habitação do Castelo, planta da casa "medieval", 1996 (CMM)



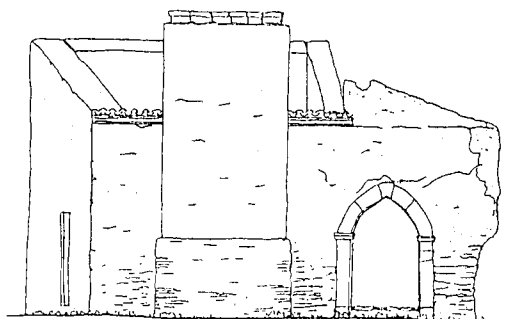
Fig. 4.137 - Moura, Castelo, casa "medieval" no antigamente, visualização de cobertura de duas águas (foto de João da Mouca)

Pelas características já referenciadas, a tipologia da casa desenvolve-se paralelamente à rua.

Descrição dos Alçados

Alçado Principal (Sul)

Este alçado apresenta uma abertura de grandes dimensões com cantaria em pedra mármore; onde está bem evidente a presença de um arco ogival. Pela observação de fotografias antigas, a porta era de madeira de duas folhas e dois postigos, situação pouco usual mas que surge consoante a dimensão da abertura. No lado esquerdo à porta, existe uma chaminé de ressalto de grandes dimensões que se destaca como um plano vertical bem evidenciado.

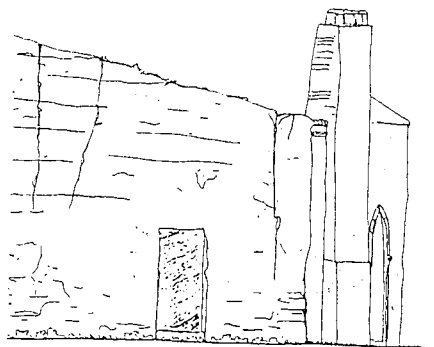


ALCADO SUL

Fig. 4.138 – Moura, Castelo, levantamento de habitação, alçado sul da casa "medieval" de 1996, (CMM)

Alçado Lateral esquerdo (Poente)

Apenas apresenta parte da parede contendo uma abertura - porta de pequena dimensão.



ALCADO POENTE

Fig. 4.139 – Moura, Castelo, levantamento de habitação, alçado poente da casa "medieval" de 1996, (CMM)

Alçado Lateral Direito (Nascente)

Podemos observar somente a parede interior que resta da casa e em posição perpendicular à mesma o arranque de outra também, interior e parte da parede exterior pertencente à fachada.

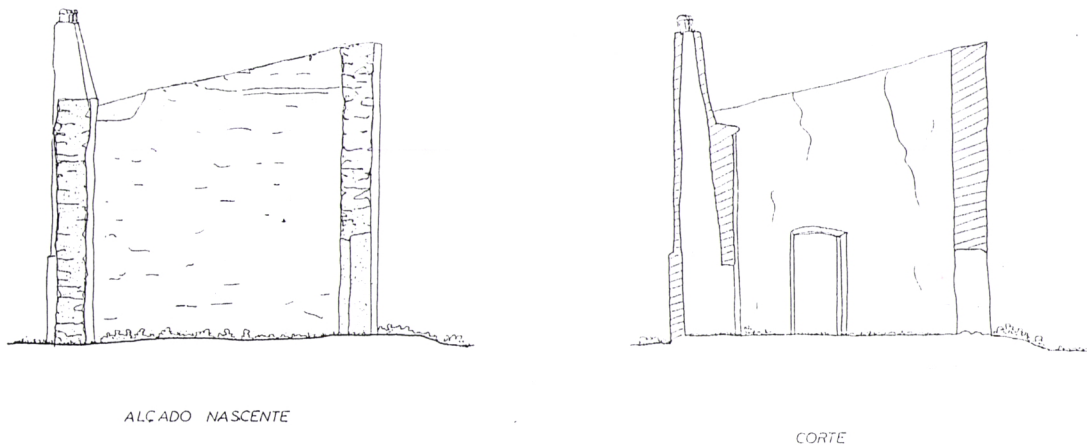


Fig. 4.140, Fig. 4.141 – Moura, Castelo, levantamento de habitação, alçado nascente e corte da casa "medieval" de 1996, (CMM)

Alçado Posterior (Norte)

Neste alçado podemos observar uma parede interior, divisória que apresentava um nicho e uma porta.

Para além desta parede podemos ainda descobrir parte da parede equivalente à fachada principal da casa já descrita anteriormente.

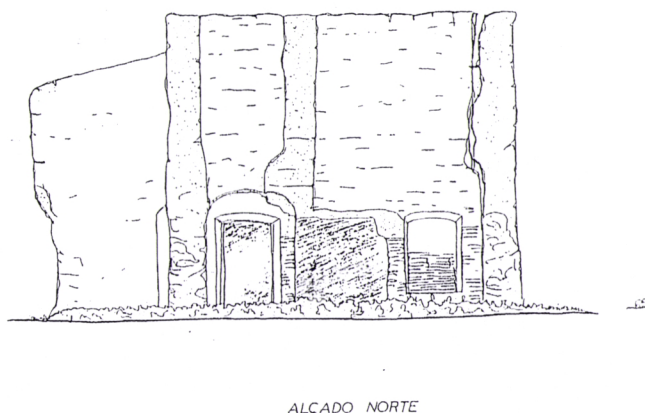


Fig. 4.142 – Moura, Castelo, levantamento de habitação, alçado norte da casa "medieval" de 1996, (CMM)

d) Levantamento dos materiais e processos construtivos

A utilização dos materiais que a envolvente natural oferecia para a construção de um edifício foi sempre uma constante na região de Moura.

O estudo pormenorizado dos materiais e processos construtivos básicos aplicados na casa em estudo, serão posteriormente explicados na alínea 4.3.4. deste trabalho.

Materiais de construção

- Materiais pétreos

As rochas utilizadas na construção da casa em estudo foram basicamente os calcários, mármore, xistos, areias e cascalho, na concretização de alvenarias e cantaria.

As areias e os cascalhos aplicados nas argamassas, eram possivelmente extraídos do leito do Rio Guadiana e do afluente Ardila.

- Cal

A cal era aplicada na execução de argamassas de assentamento e revestimento e também utilizada no processo de caiação.

Como já referimos anteriormente, aquando da descrição dos materiais e processos construtivos do convento, as argamassas aplicadas na casa em estudo poderiam, posteriormente, ter sido feitas à base de cal preta, técnica tradicional sempre executada na região de Moura. Como posteriormente referimos a sua presença encontra-se atestada no Bairro da Mouraria.

Usou-se a cal branca na caiação dos paramentos exteriores da casa, ao passo que nos paramentos interiores, pelo exame *in loco* dos mesmos, constatámos que foram pintados com tintas de várias cores.

- Materiais cerâmicos

Aplicaram-se o tijolo maciço cozido na construção de paredes e a telha de canudo na execução da cobertura. O ladrilho (tijoleira) poderia ter sido usado nos pavimentos da casa.

- Adobe (terra crua)

Também se utilizou de certo este material, nomeadamente na execução de paredes interiores.

- Madeira

A utilização da madeira foi por nós apenas constatada através de fotografias antigas, na porta de entrada, mas também terá, provavelmente, sido empregada nas restantes portas interiores e exteriores e na estrutura do telhado.

Processos construtivos

- Fundações

Quanto ao processo construtivo das fundações não temos indicações concretas de como teriam sido feitas, mas em nossa opinião possivelmente concretizadas pelo sistema tradicional, mediante a utilização de pedra da região unida com argamassa de cal.

- Paredes

No levantamento das paredes exteriores recorreu-se a 3 processos construtivos:

- Taipa, rebocada e caiada.



Fig. 4.143 e Fig. 4.144 – Moura, Castelo, casa "medieval" do Castelo, paredes em taipa (fotos da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

- Alvenaria de tijolo maciço ligada por argamassa de cal, rebocada e caiada.



Fig. 4.145 e Fig. 4.146 – Moura, Castelo, casa "medieval" do Castelo, paredes em alvenaria de tijolo (fotos da autora)

- Alvenaria ordinária de pedra irregular, ligada com argamassa de cal, rebocada e caiada.



Fig. 4.147 – Moura, Castelo, Casa "medieval" do Castelo, parede em alvenaria de pedra irregular (foto da autora)

No que respeita às paredes interiores, pensamos que estas poderiam, ter sido feitas em alvenaria de adobe ou tijolo maciço ligada por argamassa de cal e rebocadas, caiadas e pintadas seguidamente.



Fig. 4.148 – Moura, Castelo, casa "medieval" do Castelo, definição das camadas sucessivas de pintura e cores aplicadas(foto da autora)

- Chaminé

Executada em alvenaria de tijolo maciço ligada por argamassa de cal, rebocada e caiada.



Fig. 4.149 – Moura, Castelo, chaminé da casa "medieval" do Castelo(foto da autora)

- Vãos

Como já referimos na descrição dos alçados da casa, a abertura de grandes dimensões inserida na fachada principal, e concretizada em alvenaria de pedra mármore cinzenta, constitui um arco em ogiva. No passado, a porta era de madeira com duas folhas e dois postigos. A característica supracitada não é usual na construção tradicional, pois geralmente as aberturas eram e são constituídas por portas mais pequenas, sem terem alvenaria. Observando as fotografias apenas podemos certificar-nos de que estas características se repetiam na outra porta exterior.

- Cimalhas e beirados

A cimalha ainda bem evidente no que resta da construção; concretiza-se talvez por reboco à base de cal, posteriormente, caiado.

O beirado materializa-se através do processo tradicional.

- Pavimentos

Não possuímos quaisquer informações sobre os pavimentos da casa em estudo, mas pensamos que poderiam ter sido feitos em ladrilhos de tijoleira, em terra batida, ou ainda em pedra rolada, processos tradicionais nas casas de povoado.

- Tectos (forro)

Visto que também não dispomos de indicações referentes aos textos da casa, permitimo-nos avançar a hipótese destes, igualmente, terem sido construídos, de parecer com os processos tradicionais da região, a saber: abóbada ou abobadilha, forro de caniço ou ainda forro em madeira (barrotes de madeira intervalados ou ripas de madeira unidas).

- Coberturas

Na cobertura empregou-se, naturalmente, telha mourisca, também conhecida por telha vã, ou canudo e ainda por telha romana.

4.2.3. Levantamento e caracterização dos revestimentos dos edifícios/Análise do estado de conservação – Torre de Menagem/Muralha, Convento de Nossa Sr^a. da Assunção, Igreja de St^a. Maria do Castelo – técnicas aplicadas, diagnóstico de anomalias e propostas de conservação

Antecedendo a abordagem sobre o levantamento e caracterização dos revestimentos dos edifícios supracitados, achámos conveniente sublinhar a importância deste assunto no nosso trabalho.

Actualmente, torna-se cada vez mais pertinente estudar e analisar o revestimento de um determinado edifício, a “pele” que traduz plenamente as vontades, os hábitos e os conhecimentos de quem nele intervêm.

Pela observação *in loco* dos edifícios em estudo, ficámos (eu e o meu orientador, Senhor Arq. José Aguiar) perplexos ao constatarmos a riqueza existente a nível dos revestimentos aplicados em alguns paramentos, exprimindo estes uma certa originalidade, pelo seu aspecto estético tratando-se pois de elementos importantes que devem ser preservados.

Este estudo tem em nosso entender, a intenção não só de fazer compreender de um modo prático os métodos de execução possíveis dos revestimentos em causa no passado, mas sobretudo de os “mostrar” de modo a que sejam entendidos como relíquias.

No caso específico do edifício conventual, a riqueza implícita nos revestimentos que escolhemos para o nosso estudo, são uma razão justificativa da conservação de todo o edifício.

Pela observação *in situ* dos revestimentos, estamos em crer que a sua aplicação se justificava por duas razões : *protecção*, como uma superfície sacrificial que aguentava as acções climáticas adversas e *estética* traduzida pela decoração, podendo nesta estar incluída a simulação de materiais nobres ⁶⁹.

⁶⁹ Sobre o assunto veja-se : José Aguiar, *Estudos Cromáticos nas Intervenções de Conservação em Centros Históricos, Bases para a sua aplicação à realidade Portuguesa, Reapropriação de Saberes, Restituição por Referência às Práticas Históricas*, Dissertação de Doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico, Universidade de Évora, Évora, 1999, p. 310. Ver também, Fernando Henriques – Algumas Reflexões sobre a Conservação do Património Histórico Edificado em Portugal – O Problema da Arquitectura Pobre, em 2º ENCORE – Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios, 1º vol., LNEC, Lisboa, 1994, pp. 71-78.

Para que este tipo de revestimento tenha a sua funcionalidade plena é necessário que lhe sejam aplicadas acções de manutenção regulares, assegurando, dessa forma, a durabilidade dos materiais subjacentes, pois caso contrário estes tendem a desaparecer assim como as camadas que os protegem.

Para uma melhor compreensão dos revestimentos dos edifícios do nosso caso de estudo, sentimos a necessidade de aí incluir, resumidamente, os aspectos gerais básicos pertinentes, a ser considerados na execução global de um revestimento. Estas questões poder-nos-ão elucidar da possível razão explicativa da sua actual permanência (durabilidade) no espaço.

Contudo, temos a noção de que a abordagem anterior apenas nos possibilita a formulação de hipóteses sobre os processos de execução dos revestimentos em estudo (materiais constituintes de cada camada e seu modo aplicação) e, finalmente, a sua decoração.

A necessidade de nos basearmos apenas em hipóteses para tratar este assunto, é justificada não só pela falta de documentação elucidativa e explicativa dos processos de execução e aplicação dos revestimentos, mas também por termos apenas tido a oportunidade de adquirir estudos concretos dos revestimentos (caracterização mineralógica e microestrutural) da Torre de Menagem e muralha, em virtude deste tipo de trabalhos serem muito onerosos.

O estudo supracitado foi-nos facultado a pedido do Orientador desta dissertação (membro do Núcleo de Arquitectura do Laboratório Nacional de Engenharia Civil), que neste sentido se dirigiu ao Departamento de Materiais de Construção (Núcleo de Química) da mesma entidade.

É importante referir que a aplicação de revestimentos sobre quaisquer tipos de alvenarias se assume como uma prática que motivada por necessidades de vária ordem que sempre sensibilizou os povos ao longo da história – protecção de paramentos sobretudo de fraca qualidade, e estética através da simulação de materiais nobres, etc.⁷⁰.

Actualmente, podemos, no momento actual, levantar a seguinte questão: - Por que razão os revestimentos dos edifícios antigos, eram geralmente compostos por várias camadas? A preocupação de proporcionar estabilidade e estética a um edifício foi sempre a intenção primordial dos nossos antepassados longínquos, tendo estes o cuidado de impedir a penetração de humidade cuja, acção nefasta “corroía” a edificação. Para que tal não acontecesse aplicavam sucessivas camadas de sacrifício, com todo o rigor, contribuindo tal iniciativa para uma construção com certa durabilidade. Como exemplo desta realidade incluímos os paramentos/revestimentos do nosso caso de estudo.

⁷⁰ Veja-se: José Aguiar, *ob. cit.*, (1999) pp. 311-312, ver também Fernando Henriques, *Caracterização de Argamassas Rebocos para Edifícios Antigos*. Plano de investigação, Relatório 254/95 - LNEC, Lisboa, 1991, pp. 1-2 e ainda veja-se Ignácio Gárate Rojas, *Artes De La Cal- La Cal En La Historia*, Ediciones de la Universidad da Alcalá de Henares, Instituto Español de Arquitectura, I.C.R.B.C., 1993, pp. 60-75.

«Na conservação de superfícies arquitectónicas existe um aspecto que importa aqui não descurar. A sua pertinência já foi abordada, entre nós, em trabalhos pioneiros como a “Caracterização de Argamassas para Edifícios Antigos” de Fernando Henriques. Refiro-me ao papel dos rebocos, barramentos, pinturas como camadas sacrificio, ou seja ao seu fulcral papel construtivo – para além da sua importância expressiva ou estética – como camadas protectoras ciclicamente reparáveis ou renováveis (como é o caso dos rebocos e pinturas com cal), funcionando como garantia da continuidade e da durabilidade da estrutura arquitectónica, ao longo dos séculos.

Camadas sacrificiais que ciclicamente se renovavam; ou que, sem remoção (picava-se aqui e ali, mas não se ia “até ao osso”), recobriam os anteriores acabamentos (porque era muito mais barato e rápido). Camadas naturalmente repetíveis, reversíveis e compatíveis, como hoje diz a teoria da conservação. Camadas que se faziam ao gosto da moda, reinterpretando arquitectonicamente o edifício, mas preservando o passado anterior que, pouco a pouco, aqui e ali, gradualmente com o tempo, ressurgia, como sempre acontece com as tintas de cal.

Exactamente pela importância desse outro papel dos rebocos, guarnecimentos e pinturas enquanto abrigo estético, nos mais antigos tratados de arquitectura encontram-se referências claras ao papel construtivo e formal destes sistemas. Vitruvio, por exemplo, descreve em pormenor como os gregos faziam guarnecimentos a imitar o mármore para recobrir o próprio mármore dos seus templos. Também pelos mesmos motivos, os romanos faziam rebocos a imitar, com técnicas de fingidos, uma alvenaria precisa de tijolo, que recobria a verdadeira alvenaria de tijolo, sobretudo quando esta era executada por um aprendiz, incapaz de produzir uma estereotomia digna de se deixar à vista»⁷¹.

Actualmente existem lacunas que devem ser colmatadas no sentido de se criar estabilidade num determinado edifício, dependendo aquela, sobretudo, do estado de conservação de que o seu revestimento é detentor. Para que tal aconteça, dever-se-ão tomar iniciativas correctas no que concerne a conservação de tais revestimentos⁷².

Tal necessidade é evidente nos revestimentos em estudo, pois se não houver a preocupação de serem intervenções correctamente e com celeridade, poder-se-ão desintegrar e pôr em risco a estabilidade do edifício e certa autenticidade que os caracteriza.

É conveniente realçar, sucintamente, que, na sua globalidade, a estrutura dos revestimentos, era geralmente feita consoante as necessidades e as disponibilidades locais, assim aplicando uma ou mais camadas locais.

Para a execução de rebocos era necessária a concretização específica de argamassas, variando a sua qualidade, de acordo com as condições atmosféricas do local de implantação do edifício.

⁷¹ J. Aguiar, A Imagem urbana dos Núcleos Históricos . A Importância das Superfícies Arquitectónicas, o Papel da Cor, dos Materiais e das Técnica – Os rebocos, os guarnecimentos e as pinturas como “ camadas de sacrificio” e como abrigos estéticos” em *Jornada da Prática da Conservação e Restauro do Património Arquitectónico GECO.RPA*, Seteias, Sintra, 1998, p. 7

⁷² «Mas a cultura moderna deturpou, inquinou, ou substituiu esta lógica. Surgiram interpretações oportunistas do tema do antigo – entretanto já não vivido – na substituição da cultura artesanal pela nova cultura do produtivismo industrial. O monumento passa a ser interpretado segundo uma lógica mecanicista, surgindo leituras que valorizam o “despojamento”, a “essencialidade”, a “veracidade” e a “precisão “ mecânica”.» Idem, p.7.

Segundo Fernando Henriques: «*Tradicionalmente as argamassas correntes eram executadas com cal aérea e areia, num processo que atingiu o auge da qualidade no período romano, vindo progressivamente a decrescer. A experiência de milhares de anos de utilização destes tipos de argamassas com resultados excelentes do ponto de vista da conservação das alvenarias é algo que não deve ser esquecido. Nos nossos dias a tradição referida tem vindo gradualmente a perder-se sem que as soluções alternativas tenham provado possuir melhores características do ponto de vista da conservação das alvenarias*»⁷³.

A composição das argamassas tradicionais sempre se baseou na mistura de cal, areia e água, utilizando-se diferentes traços. A aplicação de diferentes traços nestas argamassas variou ao longo dos tempos. Pela consulta bibliográfica que realizámos, constatámos que para além dos materiais referidos, se poderiam adicionar alguns aditivos.

Em Portugal, até à década de 50, encontram-se referências relativos à utilização das argamassa tradicionais na construção de paramentos. Geralmente os traços empregues variavam consoante as necessidades da obra e dos recursos naturais que a envolvente oferecia. Utilizavam-se os seguintes traços:

- 1 volume de cal, 3 volumes de areia;
- 1 volume de cal, 2 volumes de areia.

Posteriormente à colocação da argamassa de reboco, os paramentos eram, geralmente, caiados ou guarnecidos.

Infelizmente, a partir dos anos 50 deixou-se de aplicar este tipo de argamassas nos revestimentos, tendo sido aquelas substituídas por argamassas bastardas (1 volume de cimento, 1 volume de cal e 6 volumes de areia). Posteriormente, apareceram outras argamassas como, por exemplo, as de cimento, etc.⁷⁴.

As “receitas” anteriormente referidas foram descobertas da civilização romana. A estabilidade e a durabilidade que a construção concretizada por este povo ainda mantém, justifica-se, certamente, pela qualidade dos revestimentos que lhes eram aplicados.

Como exemplo desta realidade já Vitruvius aconselhava a execução de argamassas. Segundo Ignácio Gárate Rojas, «*Vitruvius es la fuente más completa para el estudio de los elementos constitutivos del mortero de cal (s.l.a. J.C.). Por él sabemos que la mezcla de los materiales se hacía en la proporción de una unidad de cal por tres de arena o dos por cinco, según la calidad de la arena. Menciona también el empleo de aditivos ya utilizado por los griegos, tales como cenizas volcánicas ou la teja picada*»⁷⁵. Sobre o assunto especificado anteriormente Ignácio Rojas “ Por seu gran interés demos un paseo por los clásicos, comenzando por Vitruvius, que en seu

⁷³ Fernando Henriques, *Caracterização de Argamassas para Edifícios Antigos*. Plano de investigação, LNEC, Lisboa, 1991, pp. 3-4.

⁷⁴ Sobre o assunto veja-se Goreti Margalha, *O Uso da Cal em Argamassas no Alentejo – Os revestimentos de paredes exteriores no nosso século*, Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora, 1997, pp. 33-40.

⁷⁵ Ignácio Gárate Rojas, *Artes De La Cal- La Cal En La Historia*, Ediciones de la Universidad da Alcalá de Henares, Instituto Español de Arquitectura. I.C.R.B.C., 1993, p.65.

libro II, cap. 5, aplica la teoría aristotélica de los cuatro elementos : agua-tierra-aire-fuego para explicar el proceso : « *De la cal, y elección de la piedra para cocerla.*

Elegida la mejor arena para el mortero, se há de poner no menos diligencia en la cal, haciéndola de piedra blanca o de pedernal. La de piedra densa y dura será mejor para fabricar; la de piedra más porosa, para los revocos. Después de apagada se hará el mortero en esta forma: si la arena fuere de mina, a tres partes de ella se pondrá una de cal, incorporándolo todo bién, y si fuere de río o mar, dos partes de arena, una de cal; esta regla es la que debe seguirse en la composición del mortero. Si a la arena de mar o río se añadiese una tercera parte de polvos cernidos de ladrillo cocido hará una mezcla de mucho mejor calidad.

«La causa de tomar la cal com el agua y arena tanta unión parece ser porque las piedras están, como los outros cuerpos, compuestas de quatro elementos : las que tienen más de agua son suaves por el húmido; las que más tierra son duras; y las de más fuego quebradizas. Si qualesquiera de estas piedras sin cocer se quebrantasen y moliesen y con arena y agua se hiciese mortero para edificar, ni travaría, ni podría sostener el muro; pero penetradas de fuego en el homo pierden lo rígido de su solidez primera; y consumidas y exhaladas sus fuerzas y penetrando el húmido en lo vacío de los poros, se enciende en hervores hasta que, salido el todo o calor que tenía antes, se enfría. Esta es la causa de que las piedras, después de cocidas, pesen menos que antes, aunque queden del mismo volumen; y hecha la prueba, se las halla una tercera parte menos e peso. Ahora pues, teniendo la cal el poro abierto arrebatá a sí arena que se mezcla, uniéndose mutuamente, y abrazando después ambas la piedra al secarse, hacen todos un cuerpo de que resulte la solidez de los edificios»⁷⁶.

Os traços referidos outrora aplicados nas argamassas de revestimentos, mantiveram-se até aos nossos dias. É importante, no entanto, ter-se a noção de que as proporções dos materiais não deve ser fixa, mas sim equacionadas conforme a qualidade destes, o tipo de agregados disponíveis, o tipo de cal e a sua plasticidade.

Os revestimentos utilizados em edificios antigos, para além de serem constituídos por rebocos executados possivelmente na sua maioria, com os traços atrás especificados, poderiam ter uma ou mais camadas de guarnecimento, consoante o acabamento que se pretendia executar, não só protector como também estético.

Esta realidade possivelmente está bem patente nos revestimentos, que escolhemos para analisar sucintamente, conforme as informações que pudemos obter.

No castelo contamos com a presença de simulação de juntas (construção de padrão geométrico com função de superfície sacrificial); no Convento dispomos de uma simulação de materiais nobres - pedra (fingidos) - e, por último - com a criação de efeitos plásticos traduzidos por composições geométricas destacadas entre o claro e o escuro (esgrafitos).

Após esta sucinta abordagem, passamos a descrever o contexto de cada revestimento escolhido.

⁷⁶ *Idem*, p.90

Torre de Menagem e Muralha

Técnicas e soluções aplicadas

Não há dúvida de que ao olharmos para a Torre de Menagem nos apercebemos de que nela está marcada uma estereotomia de juntas que desempenha, esteticamente um papel bem vincado. Existe, nitidamente, a construção de uma composição geométrica destacada pelas sobressaliências criadas, onde se evidencia o efeito do claro e do escuro. Julgamos que tal intenção era a de simular cilharia, processo construtivo corrente neste tipo de edificações históricas.

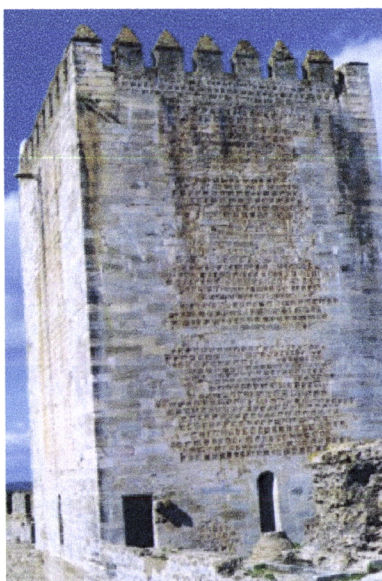


Fig. 4.150 - Moura, Castelo, Torre de Menagem (foto da autora)

Fig. 4.151 - Moura, Castelo, Torre de Menagem, estereotomia de juntas bem marcadas, imitação de silharia (foto da autora)

Para além dos aspectos atrás referidos anteriormente, esta estereotomia tem sobretudo a função de proteger os paramentos das intempéries. Às juntas atribui-se uma função estrutural, pois funcionam como elementos de ligação dos diversos componentes de modo a que os esforços fiquem repartidos. Para além desta função, a partir das juntas há a considerar a possibilidade de condução da humidade para fora do paramento, permitindo expelir os sais solúveis para o exterior das alvenarias. Podemos, assim, considerá-la como uma superfície de evaporação adequada. Cabe-lhes ainda o papel de se comportarem como camada sacrificial, pois se a degradação ocorrer, provavelmente esta começará por atacar as juntas e, posteriormente, a própria pedra constituinte desse mesmo paramento ⁷⁷.

⁷⁷ A propósito deste assunto, veja-se a obra de J. Aguiar, *ob. cit.* (1999) pp. 367-369.



Fig. 4.152, Fig.4.153 - Moura, Castelo, Torre de Menagem, revestimentos aplicados como camadas sacrificiais (fotos da autora)

No entanto, admitimos que, a durabilidade inerente ao revestimento sempre permitiu que ainda hoje subsista alguma protecção do paramento. Devemos ter em conta a sua conservação para que aquele mantenha as suas funções, caso contrário perderá as suas qualidades, deixando de proteger o paramento, podendo conseqüentemente em risco a segurança do edifício ⁷⁸.

Pelo estado de conservação relativa dos paramentos tanto da Torre de Menagem como da muralha, deduzimos que, possivelmente, quando outrora se escolheram os materiais a empregar, houve a preocupação de concretizar um tipo de argamassa de forma a que a sua resistência fosse inferior à resistência das pedras utilizadas na alvenaria. Assim, a argamassa deveria ser mais fraca, mais porosa e mais permeável do que os materiais que revestia ⁷⁹.

As questões supracitadas também estão presentes também nos revestimento da muralha. Foi-lhe igualmente cometida a função de proteger o paramento como uma superfície de sacrificio, com determinado aspecto estético - uma estereotomia baseada numa composição geométrica de círculo, definindo sem dúvida horizontalidade.

⁷⁸ Assunto referido posteriormente aquando das propostas de conservação para este revestimento.

⁷⁹ José Aguiar, *ob. cit.* (1999) pp. 368.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

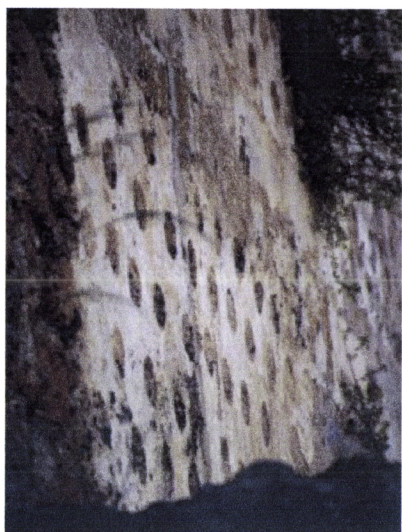


Fig. 4.154 e Fig. 4.155, - Moura, Castelo, revestimento aplicado na muralha como camada de protectora e decorativa, criação de efeitos de claro escuro através da aplicação de um padrão geométrico regular (fotos da autora)



Fig. 4.156 e 4.157 - Moura, Castelo, restos da antiga fortificação, efeitos de claro-escuro conseguidos pelo contraste entre o revestimento e a alvenaria a descoberto, padrão circular e regular (fotos da autora)

Para a concretização da caracterização mineralógica e microestrutural dos revestimentos, extraímos amostras, dessa camada protectora com a autorização e auxílio da Câmara Municipal de Moura ⁸⁰.

A primeira amostra foi extraída numa junta entre pedras na parte inferior de um dos panos da esquina da Torre de Menagem, e à entrada para a alcáçova. A segunda amostra de revestimento foi recolhida num dos panos da muralha adjacente à torre de menagem.

⁸⁰ Veja-se sobre o assunto anexo IV – Caracterização mineralógica e microestrutural de amostras dos revestimentos da Torre de Menagem e da muralha do Castelo de Moura.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

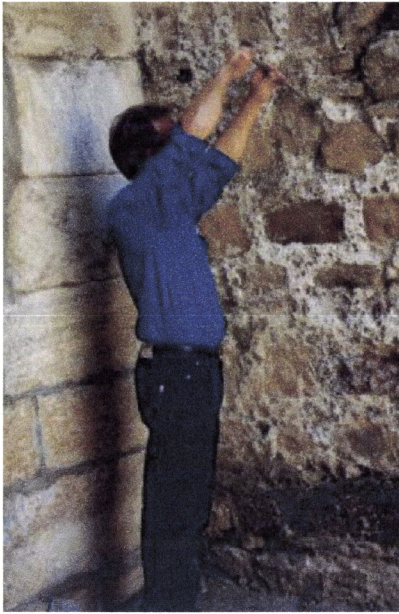


Fig. 4.158 - Moura, Castelo, Torre de Menagem local de extracção da amostra de revestimento para posteriormente ser analisada no LNEC. (foto da autora)

Fig. 4.159 - *Idem*, Torre de Menagem extracção da amostra de revestimento. (foto da autora)

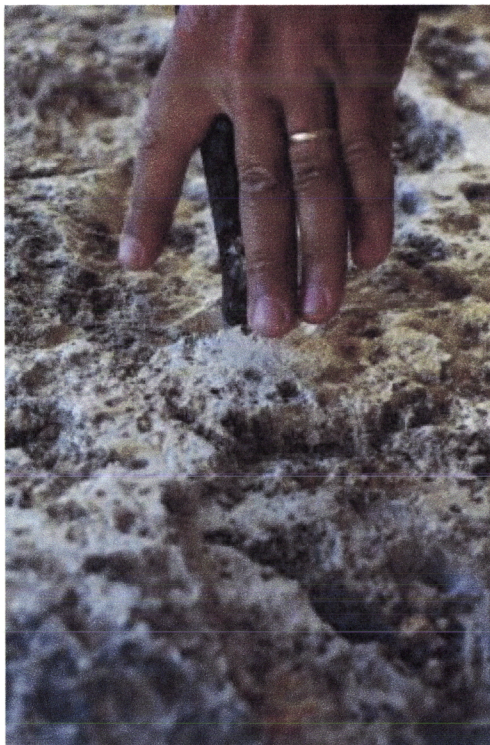


Fig. 4.160 - Castelo de Moura, muralha, local de extracção da amostra de revestimento para posteriormente ser analisada no LNEC (foto da autora)

Fig.4.161 - *Idem*, muralha, extracção da amostra de revestimento (foto da autora)

Relativamente à técnica utilizada para aplicação do revestimento na Torre de Menagem, de modo a conseguir o resultado ainda presente, isto é, uma composição geométrica de forma rectangular bem definida, supõe-se a utilização de um molde de madeira, que permitisse tapar as pedras que se pretendiam deixar à vista; os restantes espaços não tapados seriam preenchidos com os revestimentos.

No que concerne o processo de aplicação do revestimento na muralha, este, equivalente ao descrito no parágrafo anterior, poderá ter sido feito à colher por meio de moldes de madeira, apropriados à obtenção da forma geométrica evidente – o círculo.

Os possíveis processos por nós especificados anteriormente são certamente, o resultado, das jornadas de trabalho de operários, onde está evidente o cunho pessoal através de gestos, criando-se movimentos traduzidos em expressões curiosas.

Diagnóstico de anomalias

Apesar da pouca experiência que temos nesta área, o que observámos *in loco*, leva-nos a supor que estes revestimentos apresentam, determinadas patologias : das quais se destacam sem dúvida, a falta de adesão traduzida por desprendimento das camadas pictóricas e a falta de coesão interna das camadas de acabamento traduzida por esfoliação e presenças notórias de ataques biológicos (eflorescências, penetração de vegetação, fungos, algas e líquens) ⁸¹. Através da caracterização mineralógica e microestrutural foram detectaram-se colónias biológicas numa das camadas (barramento creme) da muralha ⁸².

O aparecimento das patologias supracitadas é antes de mais consequência do excesso de água presente nas paredes.

A penetração da água nos revestimentos e paredes surge pela pouca estabilidade de que o edifício é detentor e por falta de cuidados humanos na sua preservação. Os problemas podem ser motivados por capilaridade, ou por acesso de água às fundações; por infiltração das águas das chuvas nos paramentos e terraço, por condensação de origem térmica ou por higroscopicidade de materiais, como os saís.

⁸¹ Convém esclarecer o significado dos termos supracitados. A perda de adesão – dissociação de ligação entre os rebocos e os suportes de alvenaria, ou separação entre o guarnecimento e o reboco. Coesão interna – Por exemplo por desaparecimento , ou por perda de eficácia dos ligantes.

⁸² Ver anexo IV – Relatório - caracterização mineralógica e microestrutural dos revestimentos em estudo.

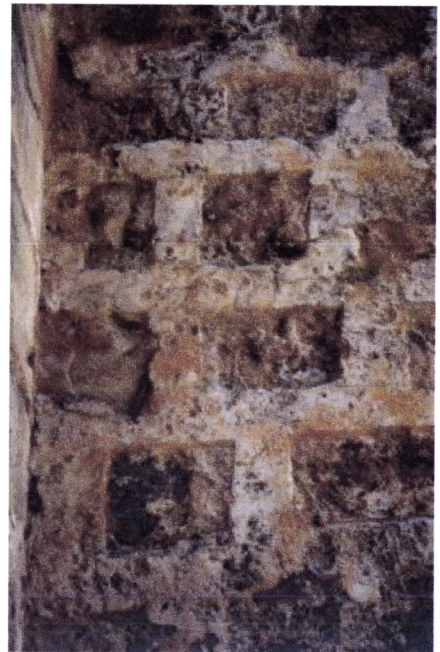


Fig. 4.162 e Fig. 4.163 - Moura, Castelo, Torre de Menagem, revestimentos e alvenaria em consecutiva degradação. (fotos da autora)

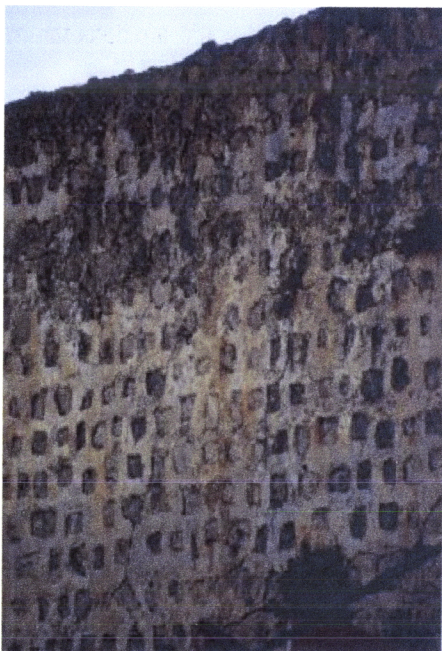


Fig. 4.164 e Fig.4.165 - *idem*, revestimentos das muralhas com patologias bem evidentes e em franca evolução (fotos da autora)

Propostas de conservação

Admitimos que o decorrer do tempo e as variações rigorosas climáticas prejudiquem cada vez mais os revestimentos tanto da Torre de Menagem como do troço de muralha escolhido.

Para que tal não aconteça, há que criar condições visando proteger os paramentos, e os revestimentos de ambos, a fim de não se deteriorarem, podendo deste modo perder totalmente a sua função de protecção. Perante tal realidade, há que ter a preocupação de evitar a penetração da água nos edifícios. No entanto, somos os primeiros a reconhecer que nem sempre é fácil combater eficazmente esse processo de infiltração, logo, mais um motivo para urgentemente se tomarem medidas visando a rápida evaporação de tudo quanto seja elemento líquido.

Para além das medidas referidas anteriormente é premente, em nosso entender, que se realizem obras de consolidação e restauro da responsabilidade de especialistas profissionais, com formação específica adequada, para resolverem as evidentes patologias.

Apesar da necessidade supracitada acrescentamos que se poderia tomar a iniciativa de organizar um plano de controlo de humidade de origem pluvial, através do funcionamento do sistema de escoamento de origem das águas e criar um processo de capeamento que contemplasse a condução dessas águas pluviais com um sistema de drenagem correcto, de modo a que se evitasse a fácil penetração de sais higroscópicos nos paramentos.

Apesar de existirem grandes lacunas de conservação dos paramentos e seus revestimentos, podemos, todavia, considerar que o que ainda subsiste é um caso raro no contexto nacional. Actualmente, é muito difícil encontrar torres de menagem e muralhas protegidas por revestimentos de origem, razão por que se deve evidenciar o seu valor histórico único, identificador de processos construtivos pouco comuns. Por tais razões, estes monumentos devem ser intervencionados a todo o custo, com processos adequados e não por processos que se têm vindo a efectuar sem qualquer lógica.

Convém salientar que estes monumentos “escaparam” em parte a certa “moda” instaurada no nosso país e no estrangeiro, a que defende que sendo a pedra um material nobre, deve ser colocada à vista, granjeando assim o monumento maior sumptuosidade e magnificência. Mas, pelo contrário, graças a tal ignorância e falta de respeito pela autenticidade estética, o monumento adquire instabilidade, por já não ser detentor de revestimento que o proteja.

De referir, porém, que parte da muralha e outras duas torres que não têm revestimentos, não sendo do nosso conhecimento razão justificativa de tal realidade. Temos, isso sim, a certeza, de que os materiais que constituem os edifícios se encontram em situação instável por não estarem protegidos.

A atitude supracitada com início no século XIX, é ainda uma presença constante na actualidade, como para tal nos alerta Fernando Henriques: «*Hoje em dia é vulgarmente considerado que certos materiais, entendidos como*

mais nobres, devem sempre parecer visíveis, independentemente de ser essa ou não a sua vocação inicial. É este, por exemplo, o caso da pedra, o que leva em muitas situações à remoção integral ou parcial dos rebocos que a cobriam, considerados materiais descartáveis, para dessa forma poder ficar visível. E, no entanto, é sabido que no passado os rebocos eram aplicados sistematicamente na maior parte das alvenarias, com excepção das que eram concebidas especificamente para apresentarem, por exemplo, pedra à vista, como um revestimento protector destinado a contactar directamente com a agressividade do ambiente exterior (...).

Da mesma forma que não se tira a pele a um ser vivo, porque é esse elemento que o protege das agressões do meio exterior, também os rebocos, que desempenham funções idênticas nos edifícios que foram concebidos para os terem, não devem ser removidos, podendo quando necessário ser substituídos»⁸³.

Podemos referir que os edifícios em estudo, em conjunto com a Torre do Relógio e a Torre Salúquia, se enquadram nos monumentos que escaparam da "moda" anteriormente referida.

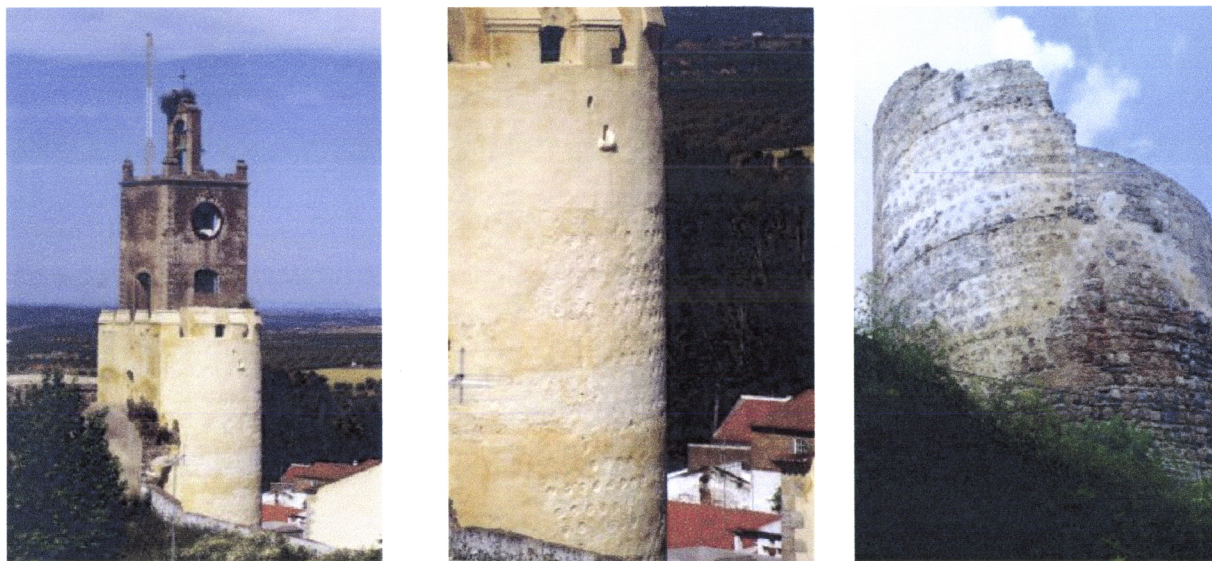


Fig. 4.166, fig. 4.167 – Castelo de Moura, Torre do Relógio (fotos da autora)
 Fig. 4.168 – *Idem*, Torre Salúquia (foto da autora)

Convento de Nossa Senhora da Assunção do Castelo

Revestimentos exteriores da parede da entrada principal do convento

Pela observação *in situ* do paramento, definimos que este era constituído por várias partes, consoante os materiais que os revestimentos apresentam: parte inferior – parede que já não contém medalhões; parte central que contém medalhões e parte superior constituída pela cimalha e por vários elementos decorativos.

⁸³ Fernando Henriques, *A conservação do Património Histórico Edificado – A Considerações sobre a Qualidade – Aspecto*, LNEC, Lisboa, 1991, p. 22.



Fig. 4.169 e Fig. 4.170 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, parede da entrada principal no passado e no momento actual (BMM e foto da autora)

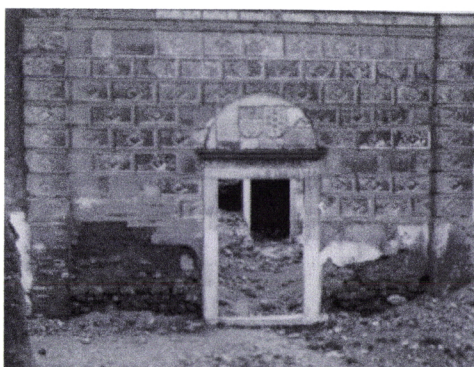


Fig. 4.171 e Fig. 4.172, – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, parede da entrada principal no antigamente e no momento actual (BMM e foto da autora)

Parte central do paramento (medalhões ou almofadado)

Esta parte é constituída por medalhões em reboco (em duas cores) .

Técnica aplicada

O revestimento desta parede é muito interessante pelas características construtivas que apresenta. Na nossa opinião, a intenção que se teve ao concretizar este revestimento foi a de simular silharia de pedra de aparelho rústico.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.173 e Fig. 174– Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, parede exterior da entrada principal, simulação de silharia (fotos da autora)

Para além de ser função do revestimento apresentar a componente estética através da simulação já referida, também protegia em nosso entender, o paramento, estando este concretizado com materiais débeis tais como : alvenaria de pedra irregular, taipa e alvenaria de tijolo, como as fotografias antigas mostram.



Fig. 4.175 e fig. 4.176 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, parede da entrada principal – materiais aplicados no levantamento do paramento (fotos da autora)

A técnica utilizada na aplicação deste revestimento, baseou-se, possivelmente, no pré-fabrico de medalhões em reboco e posteriormente colocados *in situ*. Foram executados através de um determinado molde preenchido com a massa pretendida.